

Dois minutos para efetivar Sarney

O Congresso reuniu-se pontualmente às dez horas. Ulysses Guimarães e Fernando Lyra perderam a sessão, reclamando contra o rigor do horário.

A sessão do Congresso Nacional que declarou vago o cargo de presidente da República e efetivou o vice-presidente José Sarney como chefe da Nação durou apenas dois minutos e meio, o suficiente para que o presidente do Senado lesse um documento, de 80 palavras, e, ainda, a mensagem em que Sarney comunica a morte de Tancredo Neves e informa sua própria investidura à frente da Presidência da República.

José Fragelli abriu os trabalhos rigorosamente às 10 horas, quando já se encontravam em plenário cerca de 250 parlamentares, quase todos trajando roupa escura. O presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, não tem assento à mesa diretora do Congresso Nacional, mas ontem esperava participar dos trabalhos juntamente com o ministro da Justiça, Fernando Lyra, em cuja companhia chegou ao plenário, com poucos minutos de atraso. Quando os dois subiram à mesa, pela escada lateral, Fragelli já havia encerrado a sessão e preparava-se para sair. Indignado, Ulysses protestou com veemência, acompanhado pela insatisfação de Fernando Lyra. A idéia dos dois era a de dar maior solenidade à sessão.

Protestos

O presidente da Câmara e o ministro da Justiça não esperavam que Fragelli fosse tão rápido nem que a sessão fosse aberta com tanto rigor no cumprimento do horário. Quase ofegantes, os dois entraram em plenário no meio da sessão, mas quando conseguiram chegar à mesa já era tarde. Travou-se, então, um áspero diálogo entre Ulysses e Fragelli. Houve ainda um protesto de Fernando Lyra.

— Fragelli, você não mandou me avisar e não esperou que eu chegasse para abrir a sessão — protestou o presidente da Câmara.

— Eu comecei na hora marcada...

— Deveria ter-me esperado — completou Ulysses.

O ministro Fernando Lyra também fez o seu protesto:

— Você está errado, Fragelli...

Em plenário, surpreendidos pela velocidade com que Fragelli abriu os trabalhos, leu os dois documentos e encerrou a sessão, eram muitos os parlamentares inconformados. Entre eles, os líderes partidários estavam perplexos porque não lhes foi possível, pela falta de tempo, apresentar proposta para que os trabalhos da Câmara e do Senado fiquem suspensos até o último dia das exéquias de Tancredo Neves. Mesmo assim, essa foi a decisão das mesas diretoras das duas casas.

O presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, resolveu opor seu protesto com veemência porque, segundo se soube depois,



Fragelli na efetivação de Sarney: a sessão começou antes e Ulysses não gostou.

esperava fazer um breve pronunciamento durante a sessão. Outros parlamentares, especialmente deputados, esperavam formalizar moções e projetos de lei, como o do deputado Jorge Carone (PMDB-MG), que declara Tancredo Neves "Presidente Honorário do Brasil" e concede pensão especial à viúva, Risoleta Neves. Carone alega, na justificativa de sua proposição, que há dois precedentes na história política do Brasil, José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes, declarado "Patrono da Nação", e Benjamin Constant, considerado pela Constituição de 1891, o "Fundador da República".

O deputado Jorge Arbage (PDS-PA) pretendia repetir um pronunciamento em que sustenta a necessidade de Sarney prestar compromisso constitucional perante o se empossar-Congresso, para legalmente não carregar. O parlamentar paraense revelou que iria também condenar a mensagem de Sarney, lida por Fragelli, alegando que o vice-presidente antecipou-se à declaração de vacância pelo Congresso, investindo-se em definitivo no cargo de presidente da República. O principal argumento do deputado: a mensagem de Sarney tem a data de 21 e a sessão do Congresso, que formalizou a vacância, só se realizou ontem, dia 22.

O presidente do Senado, José Fragelli, abriu a sessão apressadamente, levado provavelmente pelo nervosismo que parecia comum entre a maioria dos parlamentares. Ele chegou ao plenário da Câmara cinco minutos antes das 10 horas e já encontrou ali os outros membros da Mesa que, com ele, dirigiram os trabalhos. Com o passo apressado, o senador de Mato Grosso do Sul subiu os degraus da escada que conduzem à Mesa e não chegou a acionar a campainha, afirmando logo: "Declaro aberta a sessão". Alguns parlamentares, e principalmente Ulysses Guimarães, alegaram que a sessão foi iniciada aos três minutos para as 10 horas, mas a assessoria da Mesa do Congresso lembrou que o horário oficial das sessões é o registrado pelo relógio existente em plenário, que marcava exatamente 10 horas.

Fragelli, em seguida, leu o documento sobre a vacância do cargo de presidente da República:

"Senhoras e senhores: como é público e notório, após luta tenaz contra a enfermidade que o acometeu, o presidente eleito, Tancredo de Almeida Neves, veio a falecer. Declaro vago o cargo de presidente da República. Ao vice-presidente eleito, José Sarney, que já prestou perante o Congresso

Nacional, a 15 de março do corrente ano, o compromisso constitucional e encontrava-se, desde então, no exercício da Presidência, em virtude do impedimento do titular, cabe exercer, como sucessor do presidente eleito, o cargo de presidente da República, nos termos do artigo 77, caput, da Lei Maior".

E disse, logo após: "Passo a ler a mensagem número 232, do Exmo Sr. Presidente da República, dirigida ao presidente do Senado: exmo. senhor presidente do Senado Federal: com imenso pesar, que é a expressão do sentimento nacional, cumprio o doloroso dever de comunicar a vossa excelência o falecimento, ocorrido nesta data, do excelentíssimo senhor doutor Tancredo de Almeida Neves, presidente da República eleito.

"Em decorrência desse fato, tenho a honra de informar a vossa excelência que continuo a exercer, agora na qualidade de sucessor, o cargo de presidente da República, na forma do artigo 77 da Constituição Federal. Brasília, em 21 de abril de 1985. (a) — José Sarney".

Tarde calma

Apenas alguns funcionários e muitos

jornalistas ocuparam os amplos salões do Congresso Nacional, a partir das 12 horas de ontem. Os políticos compareceram para a sessão extraordinária do Congresso em que o presidente do Senado, José Fragelli, leu a comunicação do presidente José Sarney assumindo em definitivo o cargo para o qual fora eleito Tancredo Neves. A tarde, contudo, os políticos ficaram no Palácio do Planalto, à espera do corpo do presidente, que chegou às 17h45.

Pela manhã, além dos presidentes e dos integrantes das mesas diretoras da Câmara e do Senado Federal, vários ministros estiveram no Congresso Nacional. Entre eles Fernando Lyra, da Justiça, e Paulo Lustosa, da Desburocratização. Encerrada a rápida sessão, os políticos começaram a sair rapidamente para suas casas, de onde a maioria acompanhou pela tevê o embarque do caixão, em São Paulo.

Os presidentes da Câmara e do Senado deixaram o prédio do Congresso Nacional pouco antes das 12 horas, dirigindo-se à base aérea de Brasília para aguardar a chegada do corpo de Tancredo Neves. Outros políticos preferiram ir diretamente ao Palácio do Planalto, onde governadores e parentes do presidente Tancredo Neves aguardavam a chegada do cortejo fúnebre. Por volta de 16 horas, alguns políticos retornaram ao Congresso, preocupados com a demora da chegada do corpo.

O ex-presidente da Câmara, Flávio Marçílio, e o vice-líder do PDS, Amaral Netto, passaram pela Câmara para tomar um copo d'água, reclamando do calor sufocante do Palácio do Planalto, onde centenas de políticos se aglomeravam. Mas o Congresso estava vazio de políticos. Nos gabinetes dos líderes, apenas alguns funcionários acompanhavam o cortejo pela televisão. Fora do Congresso, o movimento de populares era grande, mas o seu ruído não era percebido pelos que estavam lá dentro.

Pouco antes das 17 horas, os deputados Luiz Dulci, José Genoíno e Djalma Bom, todos do PT, passaram rapidamente pela Câmara, mas sem dar entrevista. Estavam regressando ao Palácio do Planalto para aguardar o início da cerimônia religiosa de corpo presente.

Não houve nenhuma manifestação política em função da morte de Tancredo Neves, além da sessão conjunta do Congresso, às 10 horas da manhã. Por determinação dos respectivos presidentes, a Câmara e o Senado tiveram seus trabalhos suspensos e só voltam a funcionar após o encerramento dos funerais e o enterro do presidente Tancredo Neves, em São João del Rei.

V.M./S.C.

E a bandeira não ficou a meio pau

"Estão desrespeitando nosso presidente". A multidão, revoltada, protestava porque a bandeira de 286 metros quadrados hasteada na Praça dos Três Poderes, no topo de um mastro de cem metros de altura, não estava a meio pau, em sinal de luto. Um oficial explicou que um decreto baixado pelo ex-presidente Médici determina que a bandeira deve ficar "sempre no alto". E, ainda segundo o mesmo oficial, o mecanismo eletrônico instalado não foi programado para o meio pau. Não adiantou: as queixas continuaram.

Sobreaviso nas Forças Armadas?

Houve vários desentendimentos ontem, em Brasília, em relação à existência ou não de sobreaviso nas Forças Armadas. O sobreaviso vem sendo negado por oficiais do gabinete do ministro do Exército há várias semanas. Mas, ontem, o Exército não explicou a presença de dezenas de militares, das mais variadas patentes, no quartel-general do Comando Militar do Planalto. O expediente foi normal no gabinete do ministro da Marinha. E, na Aeronáutica, o feriado foi respeitado: manteve-se apenas a guarda usual de serviço.

Os malufistas, furando a fila.

No meio do colorido do povo — muito verde e amarelo —, três homens vestidos em soturnos costumes escuros furaram a fila, às 22h45, para a homenagem póstuma a Tancredo Neves. Era a trióia representando o estado-maior malufista: Calim Eid, que passou as mãos sobre o caixão, Armando Pinheiro (fez o sinal da cruz) e o major Heitor de Aquino, impassível o tempo todo. Os três, de baixa estatura, só puderam ver o rosto do presidente graças a um pequeno estrado improvisado por ordem de Aécio-Cunha-Neves.

Desde o começo, a infecção.

O único erro médico cometido no hospital de Base, em Brasília, foi que deveria ter sido dada maior atenção à infecção na corrente sanguínea, notada antes mesmo da primeira cirurgia, em consequência da perfuração do intestino delgado do presidente Tancredo Neves. Isto foi o que admitiu ontem o dr. Pinheiro Rocha, que operou o presidente de um tumor benigno e não de diverticulite, como se divulgou na época. Ele disse estar com a consciência tranquila, pois tudo foi feito para salvar o presidente.

Um grande homem público nunca é enterado. É semeado. e suas idéias são como sementes que serão plantadas e germinadas. Citando essa máxima do escritor francês Saint-Exupéry, o líder do PMDB na Câmara, deputado Pimenta da Veiga, qualificou o presidente Tancredo Neves de "sábio" e "grande líder".

O presidente da Câmara dos deputados, Ulysses Guimarães, garantiu, por seu turno, que José Sarney terá respaldo popular: "Acredito que ele vai introduzir um governo de participação, onde o povo levará sugestões, reivindicações e soluções. Vamos colaborar, certos de que ele terá sustentação" — disse Ulysses.

A entrada da estação de autoridades da base aérea de Brasília acabou-se transformando numa ante-sala de entrevistas coletivas. Os primeiros a chegar para a cerimônia de desembarque do corpo do presidente, Ulysses e Pimenta da Veiga, disseram não ver muita motivação para que Sarney efetive transformações no Ministério montado por Tancredo Neves.

"O Ministério resulta de acordos e os ministros estão todos aí, probos e áusteros, desempenhando suas funções. A decisão, de qualquer forma, é do presidente. Em mudá-los ou mantê-los" — disseram.

O líder do PMDB na Câmara acrescentou que os ministros mostraram competência e que o Ministério poderá ser mantido na íntegra, até maio do ano que vem, prazo previsto em lei para que um grande número deles se incompatibilize.

Considerando que os problemas do País ficarão mais difíceis de solucionar sem Tancredo, Pimenta da Veiga recomendou unidade e solidariedade para auxiliar na superação dessas questões.

Ronaldo Costa Couto, presente à base na qualidade de governador do Distrito Federal, acha que a grande homenagem que todos podem prestar ao presidente Tancredo Neves está "na construção da Nova República, onde as mensagens de liberdade e democracia, além de fé e amor ao Brasil, deverão se plantar no coração de todos os homens".

Apoio a Sarney

Para o presidente do Senado, José Fragelli, José Sarney terá o apoio de todos os partidos e de todos os políticos, não só do PMDB, mas de todos os outros, que inclusive já se manifestaram a respeito". Para Fragelli, "a grande luta de Tancredo Neves foi em função da união do povo em torno de uma programação, de uma bandeira".

O líder do governo no Congresso, senador Fernando Henrique Cardoso, procurou afastar o fantasma das dificuldades que porventura a Nova República possa vir a enfrentar sem Tancredo, lembrando: "Vamos negociar tudo em nome da democracia". Na sua opinião, o fundamental, agora, é manter a coesão em torno dos ideais de transformação do Brasil. Daqui para a frente, a seu ver, "as instituições devem ser fortalecidas de maneira a permitir que a democracia seja estável e mais baseada no homem e no sentimento coletivo".

O ministro da Cultura, José Aparecido, enganou-se quanto ao protocolo e compareceu à Base Aérea antes do desembarque do caixão. Certificando-se do erro, o ministro retornou ao Palácio do Planalto, não sem antes entregar aos jornalistas uma mensagem onde afirma que "o sofrimento redentor do presidente Tancredo Neves se consumou no dia da liberdade". Segundo Aparecido "Tiradentes e Tancredo conquistaram,

"Suas idéias são como sementes que serão plantadas e germinadas"

em nossa história, a estatura singular do herói, entregando suas vidas às causas da liberdade".

À disposição

Após a cerimônia de corpo presente no Palácio do Planalto, Fernando Henrique disse que colocará seu cargo à disposição do presidente José Sarney para deixá-lo à vontade na escolha de seus auxiliares imediatos. Em tese, no entanto, acredita que Sarney não fará mudanças a curto prazo.

O representante de São Paulo observou que, apesar das diferentes visões sobre os melhores procedimentos a serem adotados na área política, deverá prevalecer o cronograma fixado por Tancredo Neves, cujo ponto de referência principal é a eleição da Constituinte em 1986. Fernando Henrique disse acreditar também que haverá condições de entendimento, reste particular, entre as diferentes forças políticas e lembrou que por diferentes circunstâncias os governadores Franco Montoro, de São Paulo, Hélio Garcia, de Minas, e Leonel Brizola, do Rio, seriam aqueles com força política para se contrapor à Constituinte naquela oportu-

nidade, mas nada indica que isto possa acontecer.

Fernando Henrique sustentou que os grandes problemas estão situados nos planos econômico e social e defendeu uma postura de realismo e sinceridade nas negociações com as categorias envolvidas em greves, com os negociadores do governo cedendo naquilo que for justo e possível e usando de total franqueza quando for necessário dizer "não" — hipótese que sempre deverá ser acompanhada de todas as explicações necessárias.

Para o governador Esperidião Amin, de Santa Catarina, o momento requer que o presidente José Sarney não se mostre passivo, assumindo, ao contrário, o controle da situação, pela capacidade de gerar fatos políticos diretamente ligados às expectativas do povo. Ele observou que respeitar a Constituição não significa que esta não possa ser alterada, lembrando que o imobilismo do governo pode ampliar as dificuldades que este enfrenta agora. Em sua opinião, nada impediria que o presidente José Sarney fixasse desde logo a duração de seu mandato em quatro anos, restabelecendo, pela mesma emenda constitucional, as eleições diretas. Mais do que meramente legal, este procedimento seria, segundo Amin, plenamente legítimo sob todos os aspectos.

O governador Roberto Magalhães, de Pernambuco, também considerou que, na medida em que Sarney venha a se converter em sujeito ativo dos acontecimentos políticos, melhores perspectivas de fortalecimento para seu governo estarão sendo abertas.

"Tancredo redutivo"

O governador Divaldo Suruagy, de Alagoas, no entanto, pensa de outra forma. Para ele, aquilo que foi estabelecido pelo pre-

sidente Tancredo Neves, e que representa um entendimento já fixado pela Aliança Democrática, deve ser mantido. Assim, não seria desejável nenhuma iniciativa governamental no sentido de antecipar-se aos acontecimentos, mesmo porque estes, no que diz respeito a toda sorte de propostas, virão de maneira inevitável, devendo o governo reservar-se para, ajustado às forças políticas dominantes, manter o calendário anteriormente previsto.

Na opinião do ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Gusmão, não há fatos novos que justifiquem a alteração do que foi acertado entre o presidente Tancredo Neves e as lideranças que compõem a Aliança Democrática, razão mais do que suficiente para que a Constituinte, a ser eleita em novembro de 1986, ao dotar o País de uma nova Constituição disponha sobre a modalidade de eleição, o regime e o período de duração do mandato presidencial.

Para o presidente do PT, Luís Inácio Lula da Silva, seu partido deseja a convocação da Assembleia Constituinte já, argumentando que não vê razões válidas para protelar-se um aperfeiçoamento institucional que pode e deve ser feito a curto prazo, nem mesmo a circunstância de os mandatos dos atuais deputados e senadores só terminarem em março de 1987.

Jorge Neves, irmão do presidente falecido, elogiou o discurso feito em cadeia nacional pelo presidente José Sarney, qualificando-o como "excelente" e lembrando que se o chefe do governo não falhar em seus compromissos "vai ser o Tancredo redutivo". Advertiu, no entanto, que as discussões em torno da legitimidade do poder poderão levar o governo a antecipar a convocação da Constituinte.

Z.A./E.P.